

# PHILIPPE MURAY

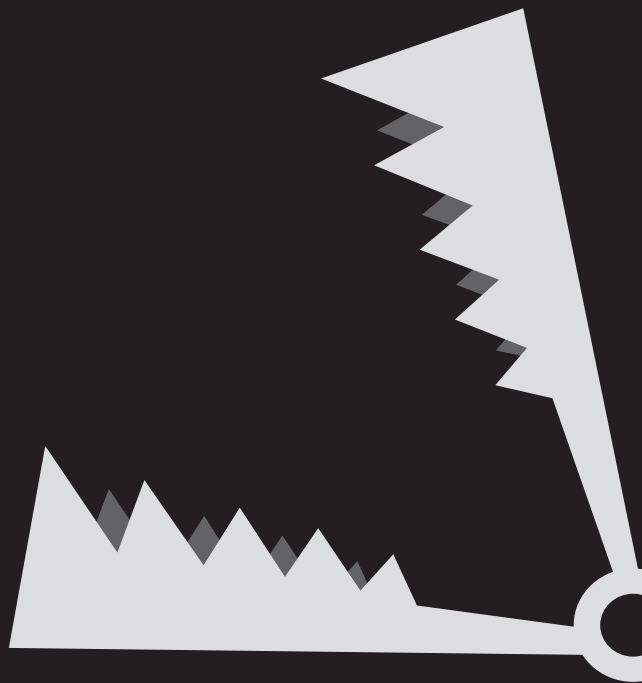
# ,O IMPÉRIO DO BEM

A DITADURA DO POLITICAMENTE CORRETO

“ UM DOS MAIORES ESCRITORES DO SÉCULO 20,  
UM GÊNIO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA.

MICHEL HOUELLEBECQ





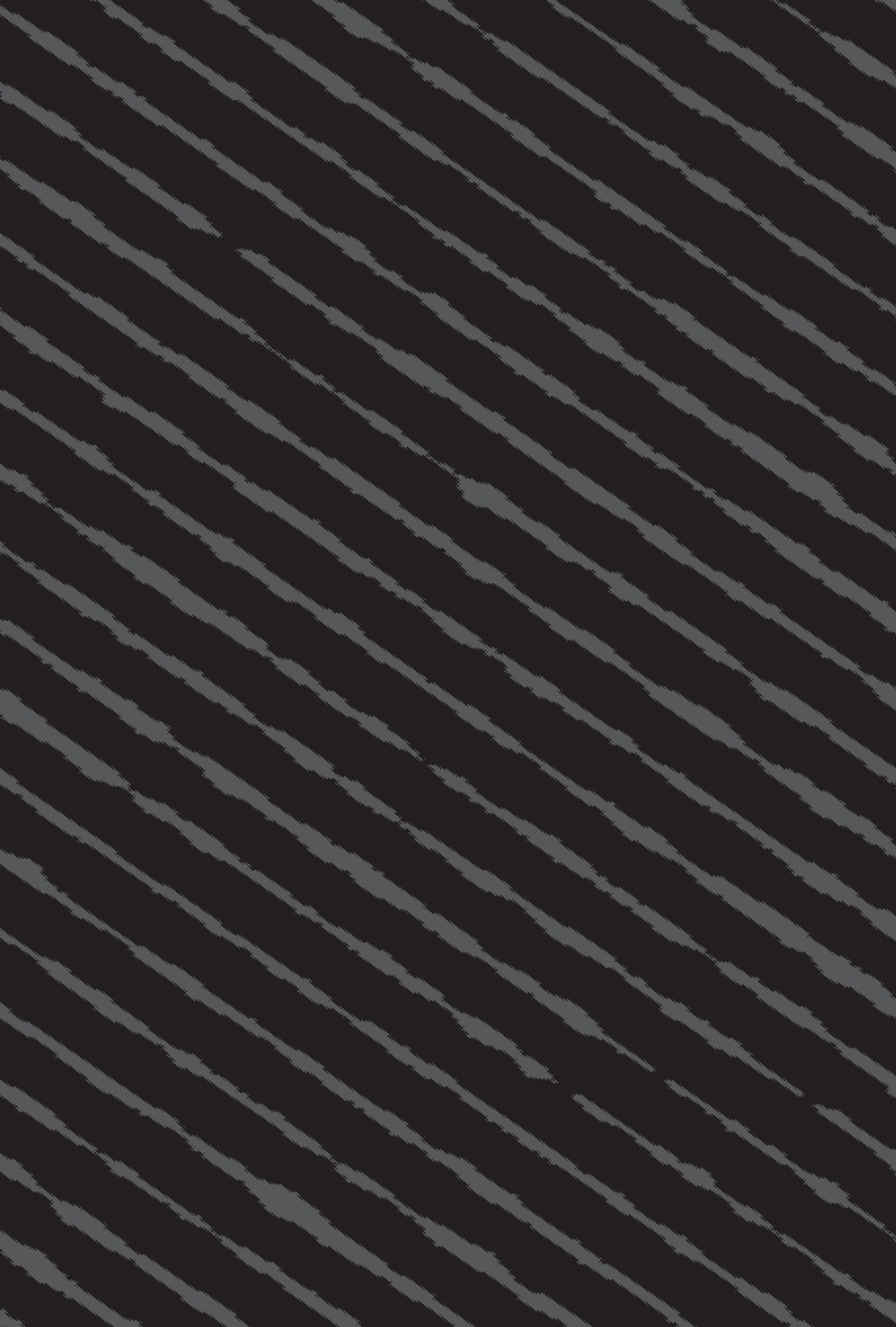
**PHILIPPE MURAY**

**O  
IMPÉRIO  
DO BEM**

A DITADURA DO POLITICAMENTE CORRETO

TRADUÇÃO: WILIAM ALVES BISERRA





## PREFÁCIO

# A infância do bem

**O BEM SEGUE RÁPIDO.** O Bem avança. Ele galopa. Surge de todas as partes, se expande, se desenvolve, ganha terreno, recruta, a cada minuto, novos missionários. O Bem cresce aos poucos, cresce aos poucos e proíbe qualquer fuga. É ele que refaz o dia e a noite, o sol e as estrelas. O espaço e o tempo. Desde *O império do Bem*, o Bem imperou. Sete pequenos anos foram suficientes para que ele fluísse, se projetasse e se espalhasse irresistivelmente. Para que trouxesse de arrasto consigo tudo que encontrava pelo caminho. Para que fizesse capotar tudo o que ainda restava de resistência. Para que transbordasse de seu leito, esfolasse barrancos, desse coices como um cavalo do inferno, ou melhor, do paraíso, e se espalhou por toda parte, floresceu, cercou, conquistou e subjuguou todos os que podiam, ainda, tentar se opor a ele.

Agora, ele alcançou seu objetivo, ou quase. Ele se perde nas delícias da imensidão da Festa, como um rio naquele mar que lhe foi

prometido. E tudo aquilo que arrastou em sua correnteza enlouquecida, ele oferece agora aos redemoinhos sem fim que criou atrás de si, nos quais tudo afunda como testemunha de sua vitória.

Juntos, assim, as forças do Bem e da Festa não conhecem limites. Elas se fundem, a princípio, contra o poder inventado de seus pretensos inimigos, dos quais seus bons apóstolos não cessam de denunciar a virulência mentirosa e as maldades arcaicas. Tanto o Bem quanto a Festa são melindrosos, suscetíveis, irritáveis. Alimentam-se do sentimento de perseguição. O fato de terem emudecido toda a oposição não lhes é suficiente, é preciso fazer um espantalo desta última e sacudir-lhe bem alto. No silêncio geral da lassidão, do embrutecimento ou da aquiescência. Precisam sempre se proteger de ataques fantasmas, de perigos fantoches e de simulacros de adversários.

Em 1991, o Bem não estava, por assim dizer, senão em sua infância. Estava longe de conhecer todo o seu poder. Ensaiaava ainda suas forças. Parecia um bebê hesitante, balbuciante, mas uma criança já monstruosa e de boa saúde. Era preocupante, mas podíamos sempre esperar que lhe acometesse uma doença qualquer, um acidente, o fim súbito da papinha, alguma coisa, enfim, que salvasse a humanidade do perigo fatal de seu rápido crescimento, sobre ela pesando sua extensão irresistível.

Em 1991, ainda, o bem parecia frágil, como uma simples hipótese, como uma suposição à qual bastaria torcer o pescoço na hora certa para que os piores seres não tentassem testá-la. Podia-se percebê-lo tímido, emotivo, chorão diante dos risinhos de deboche que suas primeiras manifestações filantrópicas poderiam produzir naqueles espíritos livres que então existiam — já, porém, em um estado de precária sobrevivência. E Cordicópolis, a cidade do pesadelo

em flor, cujas fundações o Bem, sob os aplausos de quase todos, estava se firmando, não possuía, senão, o ar de um esboço de utopia ou de uma antecipação.

O Bem, em 1991, estava ainda nas fraldas, mas esse pequeno Nero da ditadura do Altruísmo havia nascido com a faca e o queijo na mão. Ele começou a levantar sua prisão luminosa sobre a humanidade com o consentimento da própria humanidade. Todos os seus antecedentes, com o nome de “bem público”, por exemplo, com tudo que essa noção traz de multidão, de junção indiferenciada, cujo crescimento deve ser favorecido pela polícia, pela justiça e, claro, pelos ungidos da mídia, não desejavam senão florescer, graças a esse mesmo Bem, e se impor a todos os domínios da existência corrente. Não restava ao Bem senão desembocar no grande estuário do amor-eufórico e fazer crer que a vida virtuosa é a vida festiva. O Bem escoou direto nessa direção; desembarçou-se, apressou-se, precipitou-se torrencialmente. Ele tinha um objetivo: estamos vendo seu sucesso.

De modo geral, a maioria dos temas que eu abordava em 1991 não cessou de se agravar e escurecer, mesmo que apareça em cores cada vez mais agradáveis às populações. Já havia, então, enxames de cordicocratas.\* Os cordícolas, cordicólatras, cordicolianos e cordófilos multiplicavam-se. Os cordicólogos, porém, não eram uma legião. E os cordicoclastas, referindo-me aos desmistificadores eventuais da Norma cordícola, mantinham silêncio. Ainda o fazem. Desde 1991, os agentes da transparência, os possessos do homogêneo, os cruzados da abolição de todas as diferenças e os furiosos dos processos retroativos atracaram e desembarcaram com

---

\* Termo criado pelo autor. (N. do T.)

um tal frenesi que hoje ninguém ousa questionar o Bem-fundado. A operação “passado-limpo” está quase terminada. A demanda por leis, patologia que eu, então, apenas esboçara, e que posteriormente chamei de “Desejo pelo Penal”, não havia ainda encontrado seu melhor ritmo de excitação, ainda não havia se tornado o grito de êxtase e de ressentimento de milhões de formigas humanas às quais os juízes atiçados pelos encorajamentos da matilha midiática oferecem o espetáculo do calvário cotidiano de seus políticos. Essa patologia do penal não era, ainda, o poderoso acelerador da “mudança dos costumes” que se tornaria em seguida. Nem a máquina perfeita para criminalizar, na marra, todos aqueles que não tiveram a possibilidade ou a habilidade de se apresentar em tempo como “vítimas seculares”. Não poderíamos, naqueles dias, ter visto, por exemplo, os “comitês brancos” nascidos das “marchas brancas”<sup>\*</sup> de Bruxelas, espalhados em “associações brancas”, embelezados com nomes encantadores (as pombas, os anjos, o coelho, a corça) reinventar a vida política exigindo a instalação da “cláusula da pessoa mais vulnerável” e fazer contato com os comitês de desempregados e sem-teto. Em 1991, ainda não havíamos aberto as portas para os malfeitores luminosos do código penal, nem aos esquartejadores do poder judiciário. Em 1991, certamente não havíamos ainda mudado o sentido das palavras até o nível de vermos, sem sinal de surpresa, os piores canalhas consensuais combatendo o consenso, e os potentados do novo conformismo se levantarem indignados contra o conformismo. Em 1991, ainda era possível se espantar com o espetáculo de tantas belas almas que travavam

---

\* A marcha branca contra a pedofilia aconteceu nas ruas de Bruxelas em outubro de 1996, em seguida foram criados os comitês referidos pelo autor. (N. do T.)



batalhas por aquilo que todos concordavam (as boas causas) e o faziam com um tal ardor que nós, em outros tempos, certamente os teríamos colocado nos palcos dos teatros mais paradoxais, mais perigosos, mais equivocados e, por isso mesmo, mais interessantes. Em 1991, aqueles que eu viria a chamar de truismocratas, esses homens e mulheres que preenchem com toda a paixão do mundo seu combate contra o amianto, a pedofilia, o tabagismo, a homofobia, a xenofobia — porque eles substituíram a carnificina das grandes guerras de antanho por um dever de ingerência humanitária ao qual eles dão os ares de uma cruzada perpétua —, ainda não patrulhavam tudo cotidianamente, assegurando-se de que nada escapasse de seus feitos grandes e infatigáveis. Em 1991, toda essa beatice de “creolização” generalizada, esse idílio pastoral em forma de arquipélago *new age*, não havia ainda alcançado a totalidade de seu trabalho unificador, mas já o tentavam encarniçadamente. O Positivo, em 1991, não camuflava tudo sem interrupção e sem jamais fazer frente ao Negativo, cujas ressurgências, porém, ele não cessa de denunciar o tempo inteiro, pois essas o mantêm vivo, mas ao mesmo tempo, porém, lhe permitem continuar sua longa batalha das obviedades, sua epopeia do pleonasma.

Nada do que eu disse foi desmentido. Mas nem tudo ainda havia subido ao palco. Não imaginávamos, em 1991, que se destruiriam cidades para transformá-las em pistas de patinação. E a telefonia móvel ainda não havia sido acolhida com o arrebatamento que conhecemos, por tantos escravos que pedem unicamente por uma dose a mais de servidão. Desde então o império infeccionou. E o fez com grande talento. E a aventura sexual, por exemplo, da qual eu rascunhara o réquiem, porque então a previra conjugável no passado, parece caso encerrado. Ela sucumbiu definitivamente

à propaganda indiferenciadora do movimento sexual institucional de massa (hétero ou homo), o qual possui tanta ligação com a sexualidade individual (hétero ou homo) quanto uma costela congelada com uma truta de regato. Sobre este ponto e ao fim de alguns milênios de história humana, imperiosamente culpados por definição, bastou, para fechar em cinco minutos a questão, se convencer de que um excessivo interesse pela diferença sexual era a fonte de todos os crimes e que a hierarquia, geradora das “desigualdades de exclusão”, era uma consequência direta da sobredita diferença.

O Bem avançou rápido, se esforçou. Trabalhou bem. Pelo caminho, em sua vazão furiosa, foi até mesmo capaz de esconder o mal. Ele o trouxe, o converteu, o monopolizou. Colocou-o no bolso, literalmente o expropriou, capturou. Até que, por fim, o deu como dote no momento das núpcias triunfais com a Festa. Porque o Bem, no fim das contas, se uniu à Festa; e é a entrada junta, em sobrefusão,\* desses dois “valores”, que representa o fato novo mais extraordinário dos últimos anos. O Bem casou-se. Não há como colocar em melhores termos. E se hoje meu Império parece evocar, às vezes, eventos que poderiam ter se desenrolado um século no futuro, é porque neste meio-tempo o bebê cresceu, engordou, apertado, empurrado por todos os objetivos, ele se desenvolveu, se expandiu, aumentou, inchou, ficou adulto. Ele se emancipou, se libertou. Único herdeiro do mal, por causa da supressão deste (ou de seu disfarce) ele pode, ao mesmo tempo, se declarar fora da lei e recolher suas migalhas úteis. Sequestrou o negativo, que ele execrava porque representava exatamente o poder do desenvolvimento histórico. E

---

\* Sobrefusão ou super-resfriamento: resfriar um líquido abaixo do seu ponto de congelamento sem que ele se torne sólido. (N. do T.)

para que não aconteça com o Bem aquilo que aconteceu a sociedades anteriores, a saber, que ele apareça um dia como o *status quo* em putrefação, ele teve a ideia (nisso foi menos estúpido, menos ingênuo que seus predecessores de opressão) de injetar em si mesmo um antídoto: um negativo falsificado, postição. Para nunca arriscar produzir seu duplo negativo (como a burguesia gerou o proletariado, por exemplo). Ele decidiu mantê-lo em cativeiro e copiá-lo, nutri-lo com as mamadeiras das cópias. O Bem macaqueia o Mal cada vez que precisa. Ele alimentou como fogueiras de acampamento as labaredas do combate. E as novas gerações de rebeldes sintéticos, comodistas e afáveis que ele fabricou não correm o risco de se mostrarem um dia os coveiros, os sucessores, muito menos os usurpadores ou demolidores desse exemplar padrão. O Bem trabalhou duro, desdobrou-se. Primeiro, esterilizou todas as menores objeções, todas as subversões, todas as contestações que pudessem ser levantadas. Ou melhor, ele as coopta, as recruta e as coloca em serviço da Festa perpétua; de cujas virtudes seria ímpio, e mesmo perigoso, duvidar (ai de quem sonhasse fazê-lo na escalada de surto delirante e aterrorizante que acaba de marcar cada episódio da Copa do Mundo).<sup>\*</sup> Duvidar de suas virtudes educativas, domesticadoras, polidoras, civilizatórias.

O Bem correu, disparou, voou. Realizou seu desejo, chegou ao seu objetivo. Ele está a um passo de alcançar aquilo que nenhuma instituição, nenhum poder, nenhum terrorismo do passado, nenhuma polícia, nenhum exército, jamais conseguiu: a adesão espontânea de quase todos ao interesse geral, ou seja, o esquecimento entusiasmado, e até mesmo o sacrifício, dos interesses particulares

---

\* O autor refere-se à Copa do Mundo da França, de 1998. (N. do T.)

de cada um. Nada na história registrada, exceto talvez a furibunda mobilização de alemães e franceses na guerra de 1914 e, igualmente, o emudecimento repentino daqueles (anarquistas, pacifistas, sociais democratas) que deveriam ter se oposto à demência generalizada poderá nos fornecer uma pequena ideia de uma aprovação tão formidável. No Bem que se tornou Festa, só existe o Bem, só existe a Festa, e todos os outros conteúdos de nossa existência foram aos poucos derretidos ao contato desta chama. O império diz, parafraseando Hegel, que “tudo o que é real é Festivo e tudo o que é Festivo é real”.

A transgressão e a rebelião se tornaram rotinas, o não conformismo é assalariado, os anarquismos são podres de ricos. Desse modo, é um fato lógico que tal sociedade reconheça nas massas festivas, desde sempre ligadas à transgressão e à violação ritual das normas da vida tradicional, a apoteose justificadora de sua existência. Só que não há mais regras nem vida tradicional. Ao se expandir a Festa para toda a existência, aquela que era até então desordem efêmera e derrubada das proibições tornou-se a regra, bem como sua polícia. Mas isto não seria um problema nem mesmo para os aspones ou os milicos da nova sociedade hiperfestiva, se todos os meios de comparação com o passado não houvessem igualmente desaparecido.

O amanhã cantado pelas antigas rebeliões eram apenas pálidas promessas nunca cumpridas perto dos trovejantes mugidos de hoje. Desde que não houve mais trabalho, ou de que os trabalhadores deixaram de ser tão necessários quanto outrora ao bem-estar do planeta, a eminente dignidade que derivava do trabalho foi substituída pelo eminente escárnio do homem Festivo. Despojado de toda significação, de qualquer outro fim além de afirmar seu estúpido

*orgulho*, eis aí a matilha como se proclama. O que ela deseja? Crescer mais e ter mais orgulho, mais autossatisfação, mais contentamento consigo mesma, como o universo. Nosso mundo foi o primeiro a inventar instrumentos de destruição e de perseguição sonora tão potentes que dispensam golpes físicos para quebrar os vidros ou as portas das casas nas quais se refugiam aqueles que tentam fugir de seu alcance, e que são, pois, os inimigos. Nesse sentido, devo testemunhar meu espanto por não ter então levantado uma palha para, em 1991, ultrajar como se devia o mais condecorado dos festivocratas, Jack Lang,<sup>\*</sup> o qual não se contenta somente com ter-nos imposto esse estupro moralizado a que chamamos *Fête de la Musique*, mas busca ainda engrandecer-se com novos engodos, começando pelo transplante para Paris da *Love Parade* de Berlim. Estou verdadeiramente magoado por não ter feito, então, nenhuma alusão a este proeminente zé-ruela da farsa festiva, esse MC de Festival\*\* sem-vergonha, esse descerebrado das pompas, essa combinação perfeita e hipócrita de mamata do Bem e das perversidades da Festa. Esquecimento corrigido.

Sem dúvida, a grande originalidade desta obra é que ela não sugere nenhuma solução contra tudo aquilo que, sob o aspecto de um desastre sempre mais acelerado, terminou por substituir a sociedade. É um prazer, tenho certeza, verificar que, já em 1991, eu não via nenhuma saída para essa situação. Pode-se também observar, sempre com satisfação, que eu não tinha a mínima vontade de convencer qualquer pessoa que já não tivesse ela mesma se convencido

---

\* Jack Lang (1939-), político francês, membro do partido socialista e diversas vezes ministro da Cultura e de Educação nos governos de esquerda, especialmente François Mitterrand e Jacques Chirac. (N. do T.)

\*\* O autor refere-se ao carnavalesco desfile e festival de *Corso Fleuri*. (N. do T.)

abundantemente da pertinência de tal visão. Me alegra constatar que não percebo o menor fio de esperança dentro desta noite eletrônica na qual os charlatões são pardos e onde os vendedores de ilusões enxergam uma vida cor-de-rosa com a internet. É um grande azar viver em tempos tão abomináveis, mas é uma desgraça ainda pior não tentar, ao menos uma vez, pela beleza do gesto, esganar esse tempo. Antes de passar do discurso à ação, ou do pensamento ao exame dos seres concretos, em outras palavras, do ensaio ao romance, logo à escuta do que poderia subsistir da existência autônoma dentro das condições de sobrevivência dessa cidade planetária que eu batizei de Cordicópolis, mas que seria melhor chamar de Carnavalgrad; aqui termina o Império. Essa é sua estreia. Acabou.

Agosto, 1998.